

Vivendo no entre-lugar cultural: a construção de uma “identidade morena” no conto “India”, de Richard Rodríguez

Living in-between Cultures: the construction of a “morena identity” in Richard Rodríguez’s essay “India”

Ana Cristina dos Santos¹

Resumo

Este trabalho discute a constante reformulação e negociação identitária dos sujeitos chicanos que habitam o entre-lugar (SANTIAGO, 2000) das culturas mexicana e estadunidense, tendo como base o conto “India” (2007), de Richard Rodríguez. Rodríguez propõe, a partir das questões de raça, etnia e diálogo entre as diferenças culturais, uma nova identidade para o sujeito chicano marginalizado que nasceu e viveu nesse espaço móvel, polifônico e híbrido. Destaca que o(a) chicano(a) produz uma nova identificação – mestiça – construída com a assimilação da cultura hegemônica, da periférica e das zonas de contatos entre as duas. Assim, o chicano é um sujeito híbrido que, por meio da Tradução (HALL, 2005) constrói uma subjetividade particular que o reporta a um grupo específico: os que vivem no entre-lugar cultural.

Palavras-chave: Literatura chicana; Hibridismo cultural; Identidade.

Abstract

Having Richard Rodríguez’s essay “India” (2007) as a basis, this work discusses the constant identity reformulation and negotiation of the Chicano subjects inhabiting the in-between (SANTIAGO, 2000) of the Mexican and American cultures. Rodríguez proposes, starting from the race and ethnicity issues and the dialogue between the cultural differences, a new identity for the marginalized Chicano subject who was born and raised in this moving, polyphonic and hybrid space. This work highlights that the Chicano(a) produces a new “mestiza” identity constructed via the assimilation of the Hegemonic Culture, the Peripheral Culture and the Contact Zones between these two Cultures. This way, the Chicano is a hybrid subject who, via Translation (HALL, 2005), constructs a particular subjectivity that reports him to a specific group: those who live in the cultural in-between.

Keywords: Chicano Literature - Cultural hybridism - Identity

*continually walk out of one culture
and into another,
Because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
Simultáneamente.
(ANZALDÚA, 2007, p. 99)*

¹Doutora em Letras Neolatinas (UFRJ, 2002). Professora Associada do Doutorado e Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e do Departamento de Letras Neolatinas (Português/Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Veiga de Almeida. • E-mail: anacrissuerj@gmail.com

Introdução

Ao pensarmos no fenômeno de transculturação nos países da América Latina, vêm à nossa mente os encontros interculturais¹ que envolveram os índios, os brancos e os africanos na época do descobrimento e da colonização desses países e, muitas vezes, nos esquecemos de que a transculturação é ainda um processo vigente na cultura latino-americana contemporânea. Nos séculos XX e XXI, os cruzamentos e misturas culturais são cada vez mais comuns devido aos movimentos migratórios – legais e ilegais – de inúmeros latino-americanos para os países desenvolvidos. Um dos países que mais recebeu e recebe imigrantes latino-americanos são os Estados Unidos, que chegam a possuir uma população hispânica (e aqui se contam somente os hispano-americanos) de mais de um terço de sua população total. Esses deslocamentos estabelecem novos contatos culturais que influenciam e redefinem sobremaneira os conceitos de identidade, nação e identidade nacional.

O contato intercultural no qual nos detemos neste trabalho é oriundo de tais deslocamentos para terras estadunidenses e também da comunidade que se formou após a assinatura do Tratado de Guadalupe-Hidalgo, em 1848, entre México e Estados Unidos, a saber, os mexicanos-americanos ou os chicanos². Antes da assinatura do tratado, as terras ao sudoeste dos Estados Unidos, nos estados que hoje conhecemos como Novo México, Texas, Arizona, Utah, Nevada e Califórnia, eram consideradas territórios mexicanos (TORRES, 2001, p. 19). Após a assinatura desse tratado, foram anexadas aos Estados Unidos e, da noite para o dia, os mexicanos que ali viviam, converteram-se em estrangeiros em sua própria terra. Os descendentes desses mexicanos passaram a ser cidadãos dos Estados Unidos e começaram a ser designados como chicanos.

Hoje em dia, o termo “chicano” engloba também os mexicanos imigrantes com cidadania estadunidense e seus descendentes. Para Rodríguez-Ortiz (2008), o chicano é um cidadão dos Estados Unidos, pertencente a uma minoria de origem mexicana existente no país e que, apesar de ter sido colonizado por uma cultura dominante, reconstruiu sua identidade graças a uma atitude de resistência cultural e sociopolítica constante que lhe permitiu gerar espaços de denúncia social, política e cultural:

El chicano, el cholo, la familia y el barrio constituyen aquella cultura que está del “otro lado”, cruzando la frontera de México, pero no por eso distante a sus raíces, sino incluso más apegada a sus orígenes que los mexicanos del centro o sur de la República Mexicana, puesto que enarbolan esa pertenencia identitaria para hacerse presentes frente al otro (RODRÍGUEZ-ORTIZ, 2008, p. 56).

Os chicanos, portanto, são sujeitos que não se deixaram assimilar, vivem nas fronteiras das duas culturas, convivem com duas línguas, duas culturas, duas histórias e duas tradições. Porém, nem sempre foi assim. Até a primeira metade do século XX, os descendentes dos mexicanos que viviam no território anexado ou

os mexicanos que migravam para os Estados Unidos necessitavam “apagar”, por processos de assimilação, as diferenças entre a sua cultura e a local. Somente assim eram aceitos pela sociedade estadunidense. O objetivo era *assimilar* a outridade, homogeneizar as diferenças, negando-se ao outro tanto a sua cultura quanto a sua língua, que se deveriam adaptar aos padrões da cultura hegemônica local – estadunidense, branca, anglo-saxônica e protestante (tal como se conhece pelo acrônimo, em inglês, WASP). Com isso, preservava-se a identidade centrada em uma cultura nacional – a Tradição – que não se via maculada pela presença da diferença. Prevalencia a ideia da identidade com raiz única: a do local de destino. O objetivo dessa prática era a de territorializar o outro.

Da mesma maneira que a conquista espanhola não conseguiu suprimir as identidades aborígenes do México e que, através do processo de mestiçagem, teve origem o “mexicano” – esse processo de assimilação conduzido pelos estadunidenses, também não conseguiu suprimir os traços da cultura de origem nos descendentes dos mexicanos. Os mexicanos-americanos mantiveram suas tradições. A presença de tais traços culturais transformava-os, contudo, em cidadãos de segunda classe, relegando-os à margem, inserindo-os em um grupo inferior em relação ao dominante. Somente a partir de 1960, essa situação começa a mudar.

Na época, várias vozes dissonantes do pensamento hegemônico, como a negra, a feminina e a chicana, reuniram-se em busca de uma identidade étnica e, conseqüentemente, cultural. Marginalizados pelo poder não só em relação à sua etnia e aos seus valores culturais, mas também à sua posição na divisão social do trabalho e no gozo dos seus direitos, esses grupos reivindicavam, colados aos movimentos pelos Direitos Civis nos Estados Unidos (TORRES, 2001, p. 23), as características que distinguiam suas subjetividades culturais dentro desse território.

Tais grupos denunciavam o caráter ontológico do discurso identitário homogeneizante e mostravam a falência das verdades absolutas: essas eram construções discursivas que serviam aos interesses culturais predeterminados e, por conseguinte, eram passíveis de desconstrução e de reconstrução. Entre esses grupos estavam os chicanos com um movimento de base sociopolítico denominado *El Movimiento*³, que desejava reafirmar e conscientizar a comunidade de mexicanos-americanos.

Segundo Torres (2001, p. 22), o período de “emergência” chicana ocorreu entre 1965 a 1975. Nessa época, apoiados pelo *Movimiento*, os chicanos começaram a reivindicar uma identidade própria – mestiça – que refletisse suas heterogeneidades culturais: a pertença à cultura mexicana com sua ancestralidade indígena e espanhola e à cultura estadunidense na qual habitavam. Essa identidade mestiça deveria opor-se à representada pelos escritores e historiadores norte-americanos que refletiam os mexicanos e os mexicanos-americanos como preguiçosos, ignorantes e criminosos em potencial. Era necessário ressignificar essa imagem e, ao mesmo tempo, distingui-la das diversas outras identidades “latino-americanas” existentes nos Estados Unidos.

Nesse sentido, os chicanos buscaram uma etnia singular e diferenciadora dentro da cultura dominante que os enxergavam como o “outro”. O objetivo era que

essa etnia mestiça não fosse aglutinada à latina ou à hispânica, em uma mesma massa homogênea, mas que fosse vista pelo poder hegemônico como uma identidade com características próprias. Torres (2001, p. 23) assevera que tal particularização apoiava-se na afirmação de que os chicanos possuíam uma cultura comum, uma língua (o *spanglish* e suas variações: o *caló*, e o *tex-mex*) e um território (o sudoeste americano) que os diferenciavam dos demais latinos e hispânicos que viviam nos Estados Unidos. Para Hall (2005, p. 86), a busca por uma etnia singular foi necessária na luta por uma identidade diferenciadora, para que essa nova identidade não fosse tratada como “a mesma coisa” pela cultura dominante. Desse modo, houve a necessidade de particularizar a identidade étnica chicana para que a cultura dominante (a WASP) a diferenciasse das outras identidades latinas e hispânicas que circulavam pelo espaço estadunidense.

Para configurar essa nova identidade étnica foi fundamental a produção artístico-literária que, segundo Torres (2001, p. 24), começou a emergir nos anos de 1970 e consolidou-se na década posterior. Essa produção foi uma ponte entre as duas tradições culturais em que vivia o chicano. Foi (e continua sendo) uma literatura reivindicativa, de protesto e denúncia, que se caracterizou por questionar as práticas colonizadoras da cultura estadunidense e pelo olhar introspectivo para a herança e as tradições pré-hispânicas da cultura mexicana. Com tais práticas, discutiu, sobretudo, as questões relacionadas às discriminações potencializadas em termos de etnia e cultura. Na produção literária desse período, era comum encontrar textos que exaltavam *la Raza*, ressaltando a possibilidade de uma negociação cultural e a construção de “conexões interculturais”⁴:

Es una literatura [la chicana] en la que parece que las fronteras se mezclan en esa nueva experiencia de vida que no es ni mexicana ni americana, una literatura que se mueve entre el centro y el margen creando así un sentimiento híbrido de *ser*. Además se vuelve un contraespacio donde la resistencia y el rechazo hacia la cultura dominante son evidentes (BICHARA, 2004, p. 332. Grifo da autora).

Nesse contraespço de resistência em que se transformou a literatura chicana, os escritores uniram discurso literário e militância política. Com tal prática, contribuíram para revisar a história e questionar a opressão imposta pela cultura dominante. Seus textos denunciavam a exclusão e a invisibilidade dos mexicanos-americanos na sociedade e relacionavam-nas ao fato de pertencerem a uma etnia diferente da hegemônica estadunidense – a branca. Por isso, eram considerados homens e mulheres “de cor” e, logo, cidadãos de segunda classe. Com tal atitude, esses escritores apontaram para a compreensão das fontes de suas pertencas múltiplas e a necessidade de nomeá-las, de articular suas raízes e explicar os processos de transculturação pelos quais passaram.

Esse processo de redescobrimto e conscientização de uma subjetividade outra revelou que a identidade desse grupo minoritário se revisou e se reconstruiu nas fronteiras entre o hegemônico e o mestiço, no encontro e na fusão das heranças pré-hispânicas, negra

e branca, nas memórias esquecidas que contribuíram para a transformação e a construção dos entre-lugares das heterogeneidades culturais e sociais que marcaram (e ainda marcam) a região. Assim, suas narrativas construíram uma identidade mestiça que não é nem branca, nem negra, nem índia, mas que se construiu nos interstícios dessas culturas.

Pelos motivos expostos acima, a produção literária chicana é uma das que exploraram e exploram de maneira mais contundente a noção de entre-lugar cultural proposta por Silviano Santiago (2000), na medida em que a literatura chicana (e o próprio movimento chicanista) significa um movimento de resistência do colonizado às imposições do colonizador e amplia o conceito de nacional. A partir do universo social, inseparável de sua hibridez cultural/mestiçagem étnica, o escritor chicano ressignificou a sua subjetividade e o conceito de nacionalidade que a cultura dominante lhe infligia. Para que possamos discutir como esses escritores chicanos constroem a identidade mestiça nesse contexto transcultural, apoiemo-nos no conto “India” (2007), de Richard Rodríguez. Nele, em um viés de caráter autobiográfico (ou autoficcional?), o autor discute questões de raça, de etnia e dialoga com as diferenças culturais a fim de reivindicar uma identidade mestiça para o sujeito chicano que vive no entre-lugar das culturas mexicana e estadunidense.

A discussão presente no texto de Rodríguez centra-se principalmente na questão identitária, na hifenização do sujeito chicano que vive imerso em um espaço híbrido. No modo como a sua subjetividade foi invisibilizada em função das relações de poder existentes no espaço da cultura estadunidense e mexicana e, conseqüentemente, como ela foi resgatada para a formação da nova identidade mestiça do sujeito chicano. No conto de Rodríguez, o narrador-personagem relata os questionamentos identitários pelos quais passa por ser um mexicano-americano e, portanto, mestiço e a incompreensão da cultura dominante em entender o termo. Por meio de sua própria história de vida, das histórias do descobrimento do México, das histórias oriundas da herança hispânica e pré-hispânica como o surgimento da Virgem de Guadalupe e da índia Malinche, o narrador discute os processos de hibridização cultural do México e “aceita” suas feições indígenas, marca de uma mestiçagem característica de sua ancestralidade. Compreende que, nos dias de hoje, também possui uma identidade mestiça que faz parte de seu próprio ser, e, enfim, encontra-se com suas raízes étnicas e culturais.

Aztlán e Neplanta: da busca da origem ao viver no entre-lugar

Para compreender como o processo de construção identitária se dá no conto de Rodríguez, é necessário entender dois termos importantes na cultura chicana: *Aztlán* e *Neplanta*. Como já discutimos anteriormente, para construir uma consciência identitária, o movimento chicano redescobriu e reescreveu os mitos e os símbolos pré-hispânicos da cultura mexicana. Sintetizou em duas metáforas oriundas da cultura asteca a cultura chicana, “Aztlán” e “Neplanta”, as duas características básicas do

sujeito chicano: o deslocar-se e a ambiguidade de viver entre duas culturas. O termo *Aztlán* abrange o deslocamento do chicano em um constante ir e vir pela fronteira México-Estados Unidos em busca do seu lugar de origem e o termo *Neplanta*, a ambiguidade de viver entre as duas culturas. O primeiro termo a ser utilizado, na década de 1960 e 1970, foi *Aztlán*. Teve como objetivo reunir o movimento chicano em torno a um ideal comum: o lugar de origem, a pátria mítica, ou seja, a geografia perdida ao longo do processo de colonização estadunidense das terras mexicanas. Esse lugar mítico encontrava-se no território que agora era dos Estados Unidos. Stacey Skar (2001, p. 28) explica-nos que, em nauatle⁵, *Aztlán* significa “o lugar da brancura” ou “terra de brancos”, justamente aquilo em que se tornaria o território mexicano, em 1848, ao ser anexado à nação estadunidense. *Aztlán* referia-se ao lugar ancestral dos astecas, relacionado à origem do povo mexicano. Esse símbolo espacial tornou-se a “comunidade imaginada” dos chicanos.

O mito de *Aztlán* marcou a crítica aos processos de assimilação que a cultura estadunidense, com o objetivo de manter a hegemonia cultural, impôs à cultura mexicana. Contribuiu para criar uma resistência cultural e uma identidade étnica autoafirmativa. Possuir um lugar de origem, *Aztlán*, dentro do território estadunidense, deu aos chicanos uma identidade que os diferenciava dos demais grupos étnicos latinos e hispânicos. Ademais, como nos explica Stacey Skar (2001, p. 31), proporcionou-lhes um sentimento de ser e de pertencer ao território em que viviam:

Evocar un origen anterior a todas las oleadas de inmigrantes hispanos de México a la zona que hoy forma parte de EE.UU. es la respuesta más lógica a ese deseo de crear una conciencia de identidad que pudiera reunir a toda esa diversidad socio-histórica, política, económica y cultural. El concepto de "Aztlán" se convirtió entonces en uno de los símbolos más imponente del lazo que unía una comunidad heterogénea [...]

O termo *Neplanta* associado à cultura chicana surgiu apenas na década de 1980. Seu significado na língua nauatle pode ser entendido como o que está “em meio”, “entre” ou “o lugar no meio”. O termo já havia sido utilizado por Miguel León Portilla para ilustrar os processos de transculturação sofridos pelos indígenas desde a colonização do México (TRONCOSO PÉREZ, 2011, p. 377). Com esse sentido, a palavra asteca *Neplanta* ajustou-se à ambiguidade do sujeito chicano que se reconhece em uma multiplicidade de origens e identidades complementares, mas em constante conflito.

Se o termo *Aztlán* se referia à origem, ao passado, à busca por uma raiz, *Neplanta* e seu estado, o *neplantismo*, referiam-se ao presente e relacionavam-se à liberação e à invisibilidade que a cultura estadunidense impunha ao chicano. *Neplanta* afirmava uma identidade heterogênea, mestiça, que está no “meio”, em processo, que não pertence nem a uma cultura e nem a outra, mas às duas, ao mesmo tempo.

El término *neplanta* [...] sirvió pues, durante varios siglos para nombrar aquel proceso de transformación inconcluso, en que los indígenas, y después los mestizos, se encontraban

posteriormente a la conquista, ya que permanecían en “medio” de la cultura española y la indígena, no eran “ni lo uno, ni lo otro”, se encontraban transitando de una fase a otra, en un estadio intermedio “entre” dos polos, “en medio”, de un camino tronzado, de un proceso de transición [...] (TRONCOSO PÉREZ, 2011, p. 380. Grifos do autor).

Os escritores chicanos utilizaram o termo, de maneira metafórica, para representar as multiplicidades de identidades e vozes que marcam os chicanos em geral e os situam em um estado de permanente transculturação. Nesse estado de neplantismo, descartam quaisquer elementos que, em um determinado ponto, não lhes sirva de fato como base de identificação e inserem outros novos, conforme as necessidades de seu grupo. Tal processo coincide com o que García Canlini denomina como processos de hibridação. O conceito difundido pelo teórico (2008, p. xix) identifica e explica “os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Por meio dos processos de hibridização, os escritores produziram uma nova identificação que rejeitava uma identidade fixa e imutável. Assim, a identificação cultural do chicano é elaborada por meio da recombinação de elementos da sua cultura de origem – mexicana – e da cultura do país em que vive – estadunidense. Dita construção adéqua-se mais à noção de “identidade traduzida”, que emerge, segundo Hall (2005, p. 88-9), das culturas híbridas:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam traços das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas [...] elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). [...] Elas devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas.

A partir da afirmação de que o chicano era possuidor de uma identidade heterogênea, os escritores ressignificaram o termo “mestiço”, retirando dele todo o valor marginal que a cultura eurocêntrica lhe impôs, e deram-lhe um valor positivo. O mestiço da literatura chicana é um sujeito possuidor de uma identidade fronteira (híbrida ou mestiça) e, portanto, capaz de negociar culturas. *Neplanta* passou, então, a significar, metaforicamente, na literatura chicana, o sujeito que vive no entre-lugar da cultura mexicana e a estadunidense, possuidor de uma cultura heterogênea, derivada de uma diversidade étnica, histórica e linguística; como tal, possuidor de uma identidade plural.

Se *Aztlán* representou o início de uma consciência político-étnica, uma fonte de reafirmação da raça; *Neplanta* apresentou-se como consciência de uma identidade fragmentada devido à hibridez cultural, decorrente da interseção das culturas indígena, espanhola, mexicana e estadunidense. Essa fusão de elementos culturais

“atravessa” o sujeito chicano e leva ao nascimento de uma identidade mestiça que não é nem branca, nem índia, mas que se constrói nos seus interstícios.

Os espaços das diferenças: “Índia”

O escritor Richard Rodríguez nasceu nos Estados Unidos, em São Francisco. É filho de pais mexicanos. Foi criado em Sacramento, na Califórnia. Contudo, ainda que tenha vivido sua infância imerso na cultura mexicana, não faz uso do idioma espanhol em seus textos, tampouco do *spanglish*. Seu primeiro idioma foi o espanhol, mas quando chegou à escola primária, a professora lhe “recomendou” que o abandonasse e utilizasse o inglês. Atitude que, incentivado pelos pais, tomara a partir de então. Eis o motivo pelo qual toda a sua obra se encontra escrita em inglês e é traduzida para o espanhol. Se, em seus textos, não encontramos uma alternância de códigos linguísticos (o *code-switching*) ou *spanglish*, o mesmo, entretanto, não podemos afirmar acerca dos temas que neles aborda. Em todos os seus livros, os temas relacionam-se diretamente com a experiência de viver entre duas culturas. Neles, Rodríguez discute sobre sua identidade fronteiriça, os processos de mestiçagem cultural nos quais estão imersos os mexicanos-americanos e reflete sobre a “miscigenação” e a ausência do termo oriundo dessa miscigenação, o mestiço ou moreno, na língua e na cultura dos Estados Unidos, que só reconhece as raças branca e negra:

America has never had a very wide vocabulary for miscegenation. We say we like diversity, but we don't like the idea that our Hispanic neighbor is going to marry our daughter. America has nothing like the Spanish vocabulary for miscegenation. Mulatto, mestizo, Creole — these Spanish and French terms suggest, by their use, that miscegenation is a fact of life. America has only black and white. In eighteenth-century America, if you had any drop of African blood in you, you were black [...] Cultures, when they meet, influence one another, whether people like it or not. But Americans don't have any way of describing this secret that has been going on for more than two hundred years (RODRÍGUEZ, 1997).

Richard Rodríguez publicou inúmeros ensaios e quatro livros: *Hunger of memory: the education of Richard Rodriguez* (1982), *Days of obligation: an argument with my Mexican father* (1992), *Brown: the last discovery of America* (2002) e *Darling: a spiritual autobiography* (2014). Todos os livros possuem um caráter autobiográfico e abordam as experiências e os conflitos de ser um cidadão – um mexicano-americano – que pertence a uma minoria étnica nos Estados Unidos e as dificuldades e as perdas decorrentes da assimilação cultural que lhe foi imposta.

Em seu primeiro romance, *Hunger of memory: the education of Richard Rodriguez* (1982), o autor narra o início de sua trajetória educativa nos Estados Unidos, ou melhor, como essa trajetória foi marcada pela cor de sua pele (morena) e como essa cor de pele marcou a sua identificação na sociedade estadunidense. Por meio de sua própria educação, justifica sua oposição ao ensino bilíngue para os mexicanos-americanos. No livro, conta

que entrou na escola como uma criança enraizada à cultura mexicana e saiu como um jovem totalmente assimilado à cultura estadunidense e, por causa dessa educação em inglês e da assimilação cultural, obteve maiores oportunidades profissionais. A partir de sua trajetória educativa e profissional, defende, na obra, a educação dos mexicanos-americanos em inglês, ou seja, na língua utilizada no espaço público e o uso do espanhol apenas para o espaço privado e familiar.

A obra foi escrita na época das discussões sobre o ensino bilíngue para os mexicanos-americanos nos Estados Unidos e sua posterior proibição. Nas páginas do romance, o autor espelha a teoria de que a utilização da língua dominante possibilita maior assimilação à cultura estadunidense e, por conseguinte, maior inserção nessa cultura, o que facilitaria a vida profissional desses cidadãos. Na época, essa posição foi defendida também pela cultura dominante como instrumento de desvalorização da cultura mexicana. Por defender essa posição, Rodríguez foi muito criticado pela comunidade chicana no início dos anos de 1980, que o rotulou de *pocho* – traidor. Crítica que se desvanece quando publica seus livros posteriores, ainda escritos em inglês, nos quais expressa uma oposição à ideia defendida nesse primeiro livro. A partir de então, a literatura de Richard Rodríguez se aproximou da publicada pelos escritores chicanos que, apoiados nas ideias de *El Movimiento*, defendiam a construção de uma identidade fronteiriça para os mexicanos-americanos. Identidade definida por Rodríguez como “identidade morena” (*brown identity*).

Em seu segundo livro intitulado *Days of obligation: an argument with my Mexican father* (1993), o tema são os dilemas da identidade étnica e cultural dos mexicanos-americanos. Nele, explora a herança pré-hispânica dos mexicanos e passa a identificá-la também como sua. Ressalta o estado de neplantismo desses indivíduos; discute os processos de miscigenação e hibridismo cultural pelos quais México – e ele próprio – passou e passa a valorizar positivamente a sua identidade mestiça. Nessa trajetória de valorização da identidade mestiça parte em busca do seu local de origem – *Aztlán* – que, no livro, é o México. Por meio das metáforas de *Neplanta* e *Aztlán*, há um esforço do autor em resgatar na obra o idioma e a cultura mexicana que conformam a sua “identidade morena” e que havia renegado no primeiro livro. O conto “Índia”, que ora analisamos, faz parte desse livro.

O conto “Índia” inicia com o narrador-personagem olhando-se no espelho e indagando como ele deve se sentir sobre as marcas tão visíveis de descendência indígena no rosto refletido. Rosto que o aponta sempre como o “outro” dentro da cultura dominante estadunidense em que vive. A partir do reflexo do seu rosto marcadamente indígena, ele, ironicamente, reflete sobre a postura estadunidense e mexicana de excluir o índio de suas culturas, estereotipando-o ou inserindo-o no tempo passado ou fora da história, negando e invisibilizando a sua presença: “Resulta curioso, por tanto, que ambas naciones modernas sencillamente traten al indio como un apóstrofe, que lo releguen al pasado” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 59). Reflexão que se estende para os mestiços que carregam em seus rostos traços indígenas ainda nos dias atuais e na história presente dos dois países.

Após essa reflexão, o narrador-personagem busca recuperar a identidade dos mestiços contemporâneos e reflete sobre a presença dos índios na história desses países, principalmente no México. Para tanto, inverte essa visão excludente, retornando às origens do processo de mestiçagem e sincretismo religioso da cultura mexicana por meio da história da Malinche – mãe do primeiro mestiço – e da lenda da Virgem de Guadalupe, a virgem mestiça, que marca o início do sincretismo religioso no México. À medida que inverte a visão excludente dos índios, constrói a sua identidade mestiça e compreendendo-se com um ser híbrido, pertencente às duas culturas. Por fim, decide viajar para a cidade do México em busca de suas raízes e de sua identidade mestiça.

No conto, além da presença das metáforas próprias da literatura chicana – *Neplanta* e *Aztlán*, encontramos também duas metáforas universais relacionadas à busca da identidade: o espelho e a viagem. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 393), o espelho reflete “a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência [...]”. De modo que enxergar-se no espelho é mais do que ver refletido apenas o aspecto exterior; é ver a sua natureza interior, ou seja, o reflexo real de sua identidade: “Solía mirar fijamente al indio en el espejo. La nariz ancha, los labios carnosos [...] Ninguno de mi familia tenía una cara tan morena ni tan india como la mía” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 47). Contudo, se no início do conto esse reflexo de sua identidade possui conotações negativas para o narrador-personagem, pois é uma marca que o exclui da sociedade estadunidense, é a presença da segunda metáfora – a viagem – que transforma essa identidade negativa – a “identidade morena” – em positiva.

O narrador decide ir ao México. A viagem que ele faz ao seu local de origem – *Aztlán* – caracteriza o desejo de descobrimento, de mudança, é a busca pela identidade, pois “no curso da viagem há sempre uma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2003, p. 31). E, ao término da viagem, há uma mudança visível no narrador-personagem: ele é outro. Aquele que não mais questiona as marcas de sua ancestralidade, mas que se define e se aceita como mestiço. A cada etapa da viagem, o narrador-personagem se encontra consigo mesmo e encontra-se com suas raízes indígenas e americanas. No final de sua jornada, consegue integrar de maneira positiva a sua identidade híbrida de sujeito chicano: “Considero que es un logro indígena el hecho de que yo esté vivo, de que sea católico, de que hable inglés, de que sea estadounidense. Mi vida comenzó, no terminó en el siglo XVI” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 72). Entende que foi a mestiçagem, ocorrida ainda no século XV, que formou o que ele é hoje em dia.

No início do conto, fica clara a inadequação do narrador-personagem aos dois espaços culturais de sua identidade: “¿Qué podría decirme a mí los Estados Unidos de América? [...] ¿Qué podría decirme a mí México?” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 47). Ambos os espaços menosprezam sua identidade mestiça. No espaço estadunidense, sua identidade étnica e pública está associada a marcas visíveis em seu corpo (sua cor de pele e seu rosto de índio) que o identificam a duas minorias nesse país: os mexicanos e os indígenas. Ele, por sua vez, não se reconhece nem como um nem

como outro, pois se vê como um mestiço: “Un amigo de Oxford se impacienta conmigo siempre que describo mi rostro como el de un mestizo. Mira mi cara. ¿Qué ves? A un indio dice él. Mestizo, lo corrijo” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 56). No espaço mexicano, há um desprezo pelos mexicanos-americanos. Esses são vistos como traidores, pois se venderam ao estrangeiro.

A inadequação ao espaço mexicano também se apresenta, no conto, marcada pela falta de identidade cultural do narrador-personagem com a história e as tradições do país. Para ele, México é apenas a terra de onde vieram os seus pais, com a qual não possui nenhum laço. Não a reconhece como seu país e tampouco como seu lugar cultural: “He llegado por fin a México, el país donde nacieron mis padres. No espero encontrar nada que tenga que ver conmigo” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 57).

Se, no início do conto, ao enxergar-se no espelho, o narrador-personagem não reconhecia sua cara de índio, ao chegar ao México, contudo, encontra-se frente a frente com outros espelhos que refletem uma cópia de seu rosto. Reconhece-se nesses rostos e, por fim, reconcilia-se com suas raízes indígenas: “Cada rostro parecía al mío. Pero nadie me miraba” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 69). Compreende assim, os elos imaginários que o unem à nação mexicana. Reconhece o México, com sua herança indígena, como elemento formador de sua identidade cultural. Sua identidade é assim definida em relação ao “outro”, de origem mestiça, como ele próprio: “El éxito del catolicismo español en México resultó ser una especie de prueba, una profunda concesión a la humanidad: el mestizaje” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 68).

O conto é a valorização da herança e da cultura mexicana e pré-hispânica por parte do autor. Há uma ressignificação da importância que esse território e suas idiosincrasias possuem para a formação do cidadão chicano. O próprio título do conto “Índia” remete à valorização da herança pré-hispânica, e, portanto, indígena, presente na cultura chicana. “Índia” valoriza os contatos interculturais, como os que originaram a figura da Virgem de Guadalupe, a virgem de pele morena. Segundo o autor, ela apareceu em 1531 para os índios que não apenas a aceitaram, juntamente com a religião católica, mas a transformaram. Os mesmos contatos interculturais que transformaram a cidade do México na cidade mais populosa, multirracial e etnicamente diversa do planeta, representando “la renovación del mundo viejo y conocido a través del mestizaje” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 73).

Dessa forma, se na primeira linha do conto há uma desvalorização da marca visível da mestiçagem, nas últimas linhas de “Índia”, essa marca funciona como um símbolo positivo que o faz refletir sobre México e suas tradições, levando o narrador-personagem a se aproximar de suas raízes, e valorizar o hibridismo cultural. O título do conto marca o espaço das diferenças e a aceitação de que esse espaço existe e é importante para a formação do sujeito chicano. “Índia” e toda a sua carga ideológica é a aceitação e a valorização da cultura chicana, com seus símbolos e mitos interculturais.

Assim, se o primeiro livro de Rodríguez representou a aculturação do autor aos processos de assimilação da cultura dominante, uma análise do conto mostra-nos

uma mudança de pensamento. “Índia” representa a conscientização de viver entre dois mundos, entre duas línguas, duas memórias, duas culturas, e de precisar negociar sempre entre elas, ou seja, a consciência de ser mestiço e de possuir uma “identidade morena”.

Conclusão

A análise do conto “Índia” (2007), de Richard Rodríguez, permite-nos verificar que os processos de transculturação continuam gerando sujeitos hifenizados na América Latina. As metáforas astecas de *Aztlán* e *Neplanta* continuam presentes no continente, formando sujeitos em constante trânsito para encontrar a sua identidade (como no conto de Rodríguez) ou divididos ao meio em busca de si próprios. O sujeito chicano que vive atualmente em território estadunidense carrega em si a identidade híbrida ou “hifenizada” que os encontros culturais produzem na região. Uma identidade que se forma nas “zonas de contato” (lingüística, étnica e social) das duas culturas pelas quais circula. Uma identidade que permanece em constante tensão com as identidades da cultura dominante que se pretendem unificadas e fixas.

A identidade chicana e mestiça, que também é a do autor, é defendida no texto analisado como a alternativa de identificação da comunidade chicana contra uma cultura dominante que hegemoniza as diferenças culturais. A consciência mestiça apregoada pelo escritor é a valorização, por meio da resignificação dos elementos das culturas pré-hispânica, espanhola e mexicana mesclados aos elementos da cultura dominante estadunidense. Em Rodríguez, a consciência mestiça forma-se com a valorização positiva dos elementos da herança indígena e mexicana. No texto, a herança indígena presente no conto “Índia” é vista como a cultura dominante, aquela que, antropofagicamente “devora” a outra e a reinventa. O autor, em seus textos,

inverte os conceitos de dominado e dominador. As culturas estadunidense e mexicana são dominadas por uma cultura em constante transformação: a chicana.

No conto, o autor valoriza os elementos díspares que formam a identidade chicana. Elementos que não se sobrepõem, mas se entrelaçam no espaço intersticial, nos entre-lugares em que as identidades mestiças são constantemente traduzidas, negociadas, fragmentadas e deslocadas como consequência das múltiplas relações interculturais desenvolvidas nesse espaço. Elementos que se imbricam para formar uma identidade porosa, flexível, mutável e maleável, sem limitações fixas; uma identidade fronteira contra-hegemônica abrangente, capaz de incluir e de compreender os opostos existentes nas margens das duas culturas com as quais convive; identidade capaz de atravessar as fronteiras na trajetória de um espaço híbrido, em busca da terceira margem. Sem medo de chegar a um território completamente novo.

Em seu texto, Rodríguez recolhe os fragmentos dispersados da subjetividade mexicana, estadunidense e indígena e os amalgama para formar uma nova identidade que se orgulhe de ser o que é: morena, logo, chicana e mestiça. Ao entrelaçar os elementos culturais formadores da identidade mestiça chicana, a narrativa desconstrói a identidade homogeneizante preestabelecida para o sujeito chicano e reconstrói, como consequência dos constantes deslocamentos e contatos com as diferenças, uma identidade traduzida que reflete, em sua mestiçagem, a multiplicidade de pertencimentos. O mestiço que se forma no texto é um sujeito que aprende a negociar culturas e a operar em um código plural, consciente de sua hibridez cultural e das heterogeneidades presentes em seu ser. Essa subjetividade mestiça surge como uma forma de abrir espaços para a compreensão da multiplicidade de identidades e vozes que marcam o sujeito fronteiro, habitante do entre-lugar cultural: espaço que, desde a colonização, é inerente à cultura latino-americana.

Recebido em: 21/09/2017

Aprovado em: 17/11/2017

Notas

¹ Segundo Rodríguez-Ortiz (2008, p. 22), o intercultural fomenta relações de intercâmbio entre diferentes, como a que e discutimos aqui entre México e Estados Unidos, enquanto o multicultural entre iguais.

² Utilizamos os dois termos indistintamente, sem nenhum tipo de conotação ideológica.

³ *Farm Works Movement* (FWM) foi a luta dos chicanos para reafirmar e conscientizar a comunidade méxico-americana nos Estados Unidos (SKAR, 2001, p. 32).

⁴ Um exemplo é o poema “I’m Joaquin/ Y soy Joaquin” (1969), de Rodolfo “Corky” González: “[...] ¡La raza! / ¡Mejicano! / ¡Español! / ¡Latino! / ¡Hispano! / ¡Chicano! / Or whatever I call myself/ [...]” (*apud* SKAR, 2001, p. 35).

⁵ Língua originária do povo asteca na época do descobrimento do México e utilizada até os dias de hoje no território mexicano.

Referências bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera**. The new mestiza. 3 ed. Aunt Lute Books: San Francisco, Ca, 2007.

BICHARA, Donna Kabalen. Identidad y literatura chicana: dos obras de Sandra Cisneros. In: MARISCAL, Beatriz; MIAJA, María Teresa. **Actas del XV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas IV**. Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 329-38. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/15/aih_15_4_033.pdf. Acesso em: 10 jun. 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Espelho. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. 10 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1996. p. 393-396.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. Trad. de Ana Regina Lessa et al. 4 ed, 4 reimp. São Paulo: Edusp, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 11-32.

RODRÍGUEZ, Richard. India. In: GARCÍA, Cristina. **Voces sin frontera**: antología vintage español de literatura mexicana y chicana contemporánea. Nueva York: Vintage books, 2007. p. 47-73.

RODRÍGUEZ, Richard. **A view from the melting pot**: an interview with Richard Rodriguez. Entrevista concedida a Scott London em agosto de 1997. Disponível em: <http://www.scottlondon.com/interviews/rodriguez.html>. Acesso em: 02 set. 2016.

RODRÍGUEZ-ORTIZ, Roxana. **Alegoría de la frontera México-Estados Unidos**: Análisis comparativo de dos escrituras colindantes. Tese (Doutorado em Teoría de la Literatura y Literatura comparada). Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha. 2008. Disponível em <https://roxanarodriguezortiz.files.wordpress.com/2011/10/alegorc3ada-de-la-frontera-mc3a9xico-estados-unidos.pdf>. Acesso em: 02 set. 2016.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**. Ensaio sobre a dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-27.

SKAR, Stacey Alba D. **Voces híbridas**. La literatura de chicanas y latinas en Estados Unidos. Santiago: RIL Editores, 2001.

TORRES, Sonia. **Nosotros in USA**. Literatura, etnografia e geografias de resistências. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

TRONCOSO PÉREZ, Ramón. “Neplanta”: uma aproximación al término. In: CASTANY, Bernat et al.(eds). **Tierras prometidas**. De la colonia a la independencia. Barcelona: Centro para la Edición de los Clásicos Españoles-UAB, 2011. p. 375-98.